

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A INTERDISCIPLINARIDADE NA DISCIPLINA HISTÓRIA MEDIEVAL II

Luciano José Vianna

Professor Adjunto de História Medieval na Universidade de Pernambuco (UPE)

Campus Petrolina

Professor Permanente do PPG em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares
(PPGFPPPI - UPE)

E-mail: luciano.vianna@upe.br

Resumo:

Neste artigo, apresentamos as nossas reflexões e experiências sobre a formação de professores através da nossa prática docente na disciplina História Medieval II no Ensino Superior, seguindo as propostas e reflexões dos seguintes autores: Fernândes (1999), Figueiredo Nogueira (2002), Macedo (2016), Lima (2019) Cruz e Hobold (2018), Fagundes (2016), Fazenda (2012), Japiassú (1976), Lück (1995), Pimenta (2005), Santos (2012), Guimarães (2018) e Silva e Guimarães (2017). Neste sentido, abordamos brevemente a trajetória da disciplina História Medieval no âmbito universitário brasileiro, apresentamos e problematizamos a proposta da disciplina História Medieval II, problematizamos o conteúdo sobre História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e refletimos sobre os aspectos interdisciplinares da disciplina na formação de professores. Como conclusão, destacamos a necessidade de considerar a relação entre a práxis docente, o conteúdo da BNCC e o conteúdo curricular em nossa prática de sala de aula, assim como a importância da interdisciplinaridade na formação docente.

Palavras-chave: Educação Básica; Formação de professores; História Medieval; Interdisciplinaridade.

THE TEACHING TRAINING TO THE BASIC EDUCATION:
REFLECTIONS AND EXPERIENCES ON THE TEACHING PRACTICE
AND INTERDISCIPLINARITY IN THE SIGNATURE MEDIEVAL
HISTORY II

Luciano José Vianna

Professor Adjunto de História Medieval na Universidade de Pernambuco (UPE)

Campus Petrolina

Professor Permanente do PPG em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares
(PPGFPI - UPE)

E-mail: luciano.vianna@upe.br

Abstract:

In this article, we present our reflections and experiences about teaching training through our practice in the signature Medieval History II in the High Education, according to the proposes and reflections from Fernandes (1999), Figueiredo Nogueira (2002), Macedo (2016), Lima (2019), Cruz e Hobold (2018), Fagundes (2016), Fazenda (2012), Japiassú (1976), Lück (1995), Pimenta (2005), Santos (2012), Guimarães (2018) e Silva e Guimarães (2017). We briefly demonstrate the trajectory of the signature Medieval History in the Brazilian university context, present and problematize the propose of the signature Medieval History II, problematize the contain about Medieval History in the Base Nacional Comum Curricular (BNCC), and reflect on the interdisciplinary aspects of the signature in the teaching training. As conclusion, we stress the necessity of consider the relation between the practice as professor, the contain of the BNCC, and the curricular contain in our practice in the classroom, as well as the importance of interdisciplinarity in the teaching training History.

Keywords: Basic Education; Teaching Training; Medieval History; Interdisciplinarity.

Introdução: a disciplina História Medieval no Brasil

Na primeira metade da década de 1990, Maria Guadalupe Pedrero-Sánchez comentou sobre a situação do desenvolvimento da disciplina História Medieval no Brasil. Segundo a autora, não havia “una tradición, una escuela y, sobre todo, no existen recursos para aplicar en la preparación y formación de especialistas”, os quais estariam preparados para ministrar as aulas deste conteúdo. As limitações em relação aos estudos medievais no país eram diversas, pois havia falta de bibliografia, acesso às fontes, um restrito acesso a publicações periódicas e pouco espaço para o desenvolvimento de debates e trocas de perspectivas científicas (1994, p. 223-228).

Como aponta Lima, esta era a situação da disciplina nas últimas décadas do século XX no Brasil:

A trajetória de promoção do campo no meio acadêmico nacional recua, sobretudo, ao período de 1980 e 1990, com a fundação do primeiro setor dedicado à História Medieval no âmbito de um programa de pós-graduação brasileiro, o setor de História Antiga e Medieval do PPGH-UFF, em 1988; a constituição do Grupo de Trabalho de História Medieval da Associação Nacional de História (Anpuh), também em 1988; e o estabelecimento da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), em 1996. É possível ainda buscar as raízes institucionais da medievalística brasileira em períodos mais recuados, em especial na década de 1930, com a cátedra de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (...). (LIMA, 2019, p. 61-62).

Mesmo assim, no final do século XX algumas reflexões já começavam a surgir em termos de lugar da História Medieval na formação de professores no contexto universitário, como afirmou Fernândes, vinculando inclusive o conteúdo desta disciplina com o contexto histórico brasileiro:

Pode-se afirmar, portanto, que os estudos medievais também auxiliam a compreender a história e a cultura dos países americanos: a própria expansão marítima, que ocasionou a descoberta do Novo Mundo, tem suas raízes solidamente vincadas na Idade Média. Temas da literatura medieval, como a gesta de Carlos Magno, permanecem vivos ainda hoje na poesia de cordel nordestina; além disso, é sabido que diversos escritores brasileiros de nosso século, entre os quais Manuel Bandeira, Guimarães Rosa e Adélia Prado, beberam fartamente de fontes medievais (FERNÂNDES, 1999, p. 8).

Já nos primeiros anos do século XXI esta realidade começou a se modificar. Segundo Figueiredo Nogueira, mesmo que ainda em sua grande maioria concentrados nas regiões sul e sudeste do país, os estudos medievais se expandiram por diversas universidades brasileiras, dissertações e teses foram sendo elaboradas em programas de pós-graduação, grupos de

estudo e laboratório foram sendo constituídos (2002, p. 291-297), além do fato de que diversos eventos nesta área foram sendo realizados em diversas universidades brasileiras. Entretanto, de acordo com Leão, os estudos medievais ainda estavam restritos, em sua grande maioria, ao âmbito da pós-graduação, onde havia um maior desenvolvimento (2001, p. 138-145). Atualmente, como indica Lima, a possibilidade de se fazer levantamentos e estudos sistemáticos sobre a produção advinda dos estudos medievais no Brasil é um indício claro do fortalecimento da área no país (2019, p. 61). Além disso, com o passar do tempo, foram sendo realizados eventos relacionados a esta área de estudos a nível regional e nacional, favorecendo, portanto, a divulgação científica e as trocas de conhecimentos e pesquisas acerca do mundo medieval no contexto acadêmico brasileiro.

Assim, de um mundo completamente distinto da contemporaneidade passou-se a observar a História Medieval como uma continuidade entre o passado e o presente, lembrando um dos principais pensamentos de Marc Bloch em relação ao estudo do passado: “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado” (BLOCH, 1965, p. 42). Neste parâmetro, segundo Franco Júnior, Mongelli e Vieira, passou-se a observar que uma das “raízes” do Brasil estava localizada no passado medieval de Portugal, destacando, portanto, um aspecto de abordagem de continuidade (2008, p. 177-219) entre o contexto europeu e a chegada dos portugueses na América. Com isso, a História Medieval, em termos acadêmicos, passou a ser vista como próxima em diversas manifestações contemporâneas.

Os aspectos multi e interdisciplinar em relação ao Medieval no contexto acadêmico não podem ser deixados de lado, principalmente porque foi através dos mesmos que ocorreu um fortalecimento da disciplina em solo brasileiro, pois cada vez mais passou a se observar uma necessidade de se estabelecer um diálogo com diversas áreas do saber, porém, de acordo com Silva, todas com foco no contexto medieval (2013, p. 1-15), o que proporcionou cada vez mais o surgimento de temáticas novas em termos de historiografia e transversais em termos de diálogo curricular.

Cada vez mais e melhor estudado, pesquisado e compreendido, o Medieval passou a ser visto como um período que fugia temporalmente e espacialmente das tradicionais características atribuídas ao mesmo, localizado entre os séculos V e XV: segundo Franco Júnior, passou a se observar o mesmo como um período entre os séculos IV e XVI com diversas divisões temporais internas, demonstrando que havia diversas diferenciações em relação aos diversos

períodos (2001, p. 15-17). Outra perspectiva que hoje já foi deixada de lado em termos de pesquisas brasileiras é a estrita associação deste período única e exclusivamente com o território da Europa ocidental, o que favoreceu, portanto, o estudo de outras territorialidades, tais como a africana, como apresentam os estudos de Lopes e Macedo (2017), a nórdica, como destacado por Langer (2017), a oriental, como ressalta Leme (2019), e o mundo ibérico medieval, como aponta Figueiredo Nogueira (2002, p. 291-297), despertando, assim, cada vez mais o interesse dos discentes no contexto acadêmico.

De todas as formas, segundo Miatello, a situação institucional dos estudos medievais no Brasil nos primeiros anos do século XXI era a seguinte:

Em uma pesquisa sobre a situação institucional dos estudos medievais nas universidades brasileiras, realizada em 2007, e publicada na França, em 2010, verifica-se que, das 46 instituições de ensino superior que possuem programas de pós-graduação em História, todos os correspondentes cursos de graduação oferecem a disciplina de História Medieval que, em 2007, era ministrada por 78 docentes. Olhando mais detidamente, os autores da pesquisa mostram que, destes 78 professores de História Medieval, apenas 39 possuíam formação específica na área, isto é, ao menos um título de pós-graduação *stricto sensu*, o que totaliza a metade destes profissionais. Ressalte-se que, a depender da universidade, existe mais de um docente designado para a disciplina de História Medieval, o que, em alguns casos, garante a presença de ao menos um medievalista. Se estes dados fossem atualizados para o ano de 2016, notaríamos que alguns cursos de História, antes desprovidos de medievalistas, passaram a ter pelo menos um, como aconteceu, por exemplo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); mas, se à lista apresentada, acrescentássemos as graduações de universidades não consideradas anteriormente, o quadro geral melhoraria ainda mais (MIATELLO, 2017, p. 69).

O cenário institucional apresentado por Miatello demonstra a situação dos estudos medievais em solo brasileiro bem distinta em comparação com o contexto apresentado por Pedrero-Sánchez, o que nos autoriza a afirmar que os anos iniciais do século XXI favoreceram a presença de medievalistas nos cursos de graduação em História no país, haja vista a presença da disciplina História Medieval presente nas grades curriculares dos 46 cursos de História no país no ano 2007. Miatello ainda continua e faz um vínculo com o contexto do ensino de História Medieval, afirmando que tal fato significou “uma melhora qualitativa, pois supõe-se que o profissional especializado esteja em melhores condições de executar o seu trabalho.” (Op. Cit. 2017, p. 69-70).

Neste sentido, tais questões foram essenciais não somente para desenvolver o cenário das pesquisas sobre a História Medieval entre os pesquisadores e pesquisadoras brasileiras, mas também a reflexão sobre a formação de professores. Cada vez mais o período foi ganhando

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 28, jan. - jun.2021.
ISSN: 1982 -193X



páginas nos livros didáticos e apresentando um mundo distante e desconhecido. Entretanto, ainda nos primeiros anos do século XXI, José Rivair Macedo afirmava que “a Idade Média ensinada na escola, todavia, não é Idade Média dos pesquisadores” (MACEDO, 2016, p. 112), questão que permanece até os dias atuais e que serve para refletir sobre o ensino de História Medieval no Brasil.

De todas as formas, os problemas apontados por Pedrero-Sánchez, os quais destacamos no começo deste artigo, já não estavam presentes na segunda década do século XXI, como demonstram Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira:

Na segunda década do século XXI, muitos problemas apontados por Pedrero-Sánchez, vinte anos antes, estavam sendo atacados. Os pesquisadores brasileiros não estavam mais isolados. Os grupos de pesquisa, que concentram pesquisadores e alunos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, promoviam eventos regulares, intensificando a troca de informações pelo país e criando um amplo espaço de debate. Acordos institucionais entre universidades brasileiras e estrangeiras não só permitiram uma melhor formação do pesquisador, mas fizeram com que a produção científica brasileira fosse conhecida internacionalmente. A existência de banco de dados on-line permitiu o acesso a revistas internacionais e a livros digitalizados (CÂNDIDO DA SILVA e SOBREIRA, 2019, p. 253-254).

E esta reflexão se volta principalmente para a forma pela qual se ensina História Medieval na atualidade no Brasil. Uma vez que este período chega aos nossos estudantes, de uma forma mais rápida e direta, através do contexto literário com obras com recorde de vendas, com filmes com sucesso de bilheteria e através de jogos eletrônicos que utilizam o Medieval como pano de fundo, como se deve ensinar História Medieval, hoje, no Brasil? Como abordar um período distante no tempo e apresentá-lo, debatê-lo e discuti-lo em nosso cenário nacional e com o nosso público discente? Considerando o desenvolvimento da disciplina História Medieval e o seu aspecto interdisciplinar, atualmente necessário e imprescindível para o ensino e a pesquisa nesta área, como trabalhar em sala de aula na formação de professores com a perspectiva interdisciplinar? Duas premissas fundamentais podem ser úteis para indicar futuros caminhos, como, por exemplo, a aproximação cada vez mais estreita dos campos entre a pesquisa e o ensino durante a formação de professores – atitude necessária e crucial até mesmo para a sobrevivência da área – e também a adaptação à realidade contemporânea em termos de ensino de História, buscando novas formas de se ensinar os conteúdos presentes nos documentos institucionais – entenda-se, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) –. De forma geral, nunca devemos esquecer que o ensino no contexto básico está estreitamente vinculado à formação cidadã, incluindo o ensino de História Medieval, como destacou Franco Júnior:

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 28, jan. - jun.2021.
ISSN: 1982 -193X



Estudar História – de qualquer época e de qualquer local – não deve ser tarefa utilitarista, não deve “servir” para alguma coisa específica. A função de seu estudo é mais ampla e importante; é desenvolver o espírito crítico, é exercitar a cidadania. Ninguém pode atingir plenamente a maturidade sem conhecer a própria história, e isso inclui, como não poderia deixar de ser, as fases mais recuadas do nosso passado. Assim, estudar História Medieval é tão legítimo quanto optar por qualquer outro período. Mas não se deve, é claro, desprezar pedagogicamente a relação existente entre a realidade estudada e a realidade do estudante. Neste sentido, pode ser estimulante mostrar que, mesmo no Brasil, a Idade Média, de certa forma, continua viva (FRANCO JÚNIOR, 2011).

Mesmo sendo um período distante no tempo e aparentemente sem nenhum vínculo com a realidade local do aluno brasileiro, o período medieval serve, então, como um laboratório para o desenvolvimento do espírito crítico e do exercício da cidadania.

A proposta da disciplina História Medieval II

As reflexões apresentadas neste artigo foram feitas com base em nossa experiência em sala de aula durante os semestres 2018/1, 2018/2, 2019/1 e 2019/2 na disciplina História Medieval II em um curso de formação de professores. Mesmo que as experiências selecionadas tenham sido os semestres acima, os anos de 2016 e 2017 também serviram de base para colocar em prática o exercício de sala de aula e assim materializar nossa experiência. A iniciativa de textualizar esta experiência e apresentá-la em um artigo científico partiu da premissa de que a prática do saber docente “é plural e amalgamado, abarcando saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais” (CRUZ e HOBOLD, 2018, p. 238). Assim, de acordo com Santos, fazemos uma releitura da nossa prática docente (2012, p. 22), assumindo a posição de um professor reflexivo que atua refletindo sobre a sua prática docente buscando melhorar o ensino e, conseqüentemente, segundo Pimenta, a formação de professores (2005, p. 09-22), visando proporcionar ao professor em formação uma consciência e formação cidadã em termos de Educação Básica.

A disciplina História Medieval II é ministrada no quarto período do curso de História, em um momento no qual os alunos já estão há um ano e meio no curso. A carga horária é de 60 horas e sua característica é obrigatória. Os conteúdos temáticos estão localizados temporalmente entre os séculos XI e XVI e estão divididos em duas partes. A primeira parte, mais voltada para a constituição do cenário e do território onde os assuntos da disciplina incidem, apresenta os seguintes pontos: 1) Senhorio; 2) Feudalismo; 3) A cidade medieval; 4) Características da

Igreja na Baixa Idade Média; 5) A formação do estado no Medievo e 6) Características da Historiografia Medieval. As aulas nesta parte são expositivas com a participação dos alunos para a discussão dos temas. Além disso, apresentamos também nesta primeira parte o documentário intitulado *Quando os mouros dominaram a Europa* (2005) no intuito de sensibilizar os professores em formação sobre temas que muitas vezes não estão presentes nos livros didáticos de História (COSTA, 2016, p. 96-100).

Os temas da primeira parte estão voltados para a formação de um cenário voltado para o Ocidente europeu no qual são abordados temas voltados para a formação social destacando temáticas de relações de poder, organização social e política, diversidades de personagens sociais. Além disso, destacamos também um aspecto voltado para a escrita da História no Medievo, principalmente para que os alunos possam perceber a diversidade de formas de escrita da História em diferentes temporalidades no curso.

A segunda parte da disciplina, que pode ser entendida como temática, contempla os seminários temáticos, os quais são: 1) O cotidiano da mulher no final da Idade Média; 2) As universidades; 3) Heresias medievais; 4) Os aspectos econômicos; 5) As Cruzadas; 6) O Diabo no Baixo Medievo; 7) A crise do século XIV e 8) Raízes medievais do Brasil. Além destes temas, também nesta segunda parte apresentamos duas aulas expositivas voltadas para os temas “Arte e Arquitetura: o Gótico” e “A Idade Média na contemporaneidade” – onde trabalhamos com possibilidades de se ensinar o Medievo através de filmes, literatura e jogos eletrônicos – além de uma abordagem em termos de ensino de História sobre as possibilidades do uso do cinema em sala de aula com o filme intitulado *São Francisco de Assis* (1961).

Assim, se a primeira parte da disciplina está voltada para a formação geográfica do cenário do Ocidente europeu entre os séculos XI e XVI, a segunda parte está voltada para trabalhar os temas presentes neste espaço e tempo, abordando temas a partir de uma perspectiva multi e interdisciplinar, considerando como objetivo discutir os temas apresentados nos textos, incluindo também o resgate dos textos da primeira parte da disciplina. Em relação ao foco voltado para o Ocidente europeu entre os séculos XI e XVI, é necessário fazer uma breve observação. A disciplina História Medieval II é continuidade (espacial, temporal e temática) da disciplina História Medieval I, na qual trabalhamos outras territorialidades, como, por exemplo, a oriental a nórdica e a norte africana. Neste sentido, tais territorialidades também são trabalhadas na disciplina História Medieval II a partir de indicações bibliográficas

referentes a estes cenários territoriais. Também voltamos nosso olhar para o cenário peninsular ibérico nas duas disciplinas a partir de diversas referências bibliográficas.

Passada a apresentação do conteúdo, faremos agora alguns comentários sobre as informações apresentadas acima. Em primeiro lugar, nossa abordagem na disciplina vai além dos aspectos tradicionais do Medievo, como, por exemplo, a abordagem do período até o século XVI, estabelecendo um vínculo com o cenário da América Portuguesa no século XVI; a exploração das possibilidades do uso do cinema no ensino de História; a perspectiva do Medievo visto a partir do contexto do século XXI a partir do contexto literário, cinematográfico e novelístico e a abordagem arquitetônica do gótico. Sobre os seminários temáticos, os mesmos também revelam uma abordagem que proporciona uma formação para os futuros professores de História além dos aspectos tradicionais da disciplina, como, por exemplo, a história das mulheres; o contexto educacional com ênfase no aspecto universitário; o contexto herético na Baixa Idade Média; os aspectos comerciais e a diferenciação com o mundo econômico contemporâneo; as Cruzadas e o contexto da Reconquista; a figura do diabo como uma espécie de catalizadora das ações da Igreja na sociedade; a crise do século XIV e a perspectiva da Peste Negra e da Guerra dos Cem Anos e, por fim, os aspectos do Medievo no primeiro século da América Portuguesa.

Em segundo lugar, destacamos a abordagem de temas de demanda social contemporâneos no programa da disciplina, como é o caso da História das Mulheres, principalmente para dar relevo à relação intrínseca que existe entre as demandas sociais, as reflexões historiográficas, os produtos culturais e o ensino de História. O campo histórico que conhecemos atualmente como História das Mulheres surgiu nos anos 60 e 70 do século passado a partir de uma demanda social (feminismo), através da qual surgiram uma série de reflexões sobre o campo histórico feminino em diversas temporalidades (com a expansão dos estudos sobre a mulher no mundo universitário), o que intensificou a elaboração de produtos culturais (filmes, literatura, etc...) e cujo reflexo observamos, atualmente, em termos de formação cidadã (como, por exemplo, a BNCC com a temática sobre a História das Mulheres).

Destacamos este tema do programa da disciplina História Medieval II principalmente devido às orientações que atualmente fazemos no curso (iniciação científica, monografias em andamentos e monografias já defendidas): das dezessete monografias apresentadas sob a nossa orientação entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2020, oito

abordaram o tema História das Mulheres no Medievo (natureza/tipologia das fontes trabalhadas: fontes primárias textuais de época; fontes literárias contemporâneas sobre o Medievo; cinema); dos doze trabalhos de final de curso que atualmente estão em preparação sob a nossa orientação cinco tem como tema principal a História das Mulheres no Medievo (natureza/tipologia das fontes trabalhadas: fontes primárias textuais de época; fontes primárias visuais de época); das nove orientações de iniciação científica realizadas sob a nossa orientação, desde o ano 2016 até hoje, seis trabalharam com a temática das mulheres (natureza/tipologia das fontes trabalhadas: fontes primárias textuais de época) e das quatro orientações de iniciação científica que atualmente realizamos todas trabalham com o contexto feminino no Medievo através da análise de fontes primárias medievais.

Em terceiro lugar, destacamos a nossa práxis em sala de aula na disciplina História Medieval II, utilizando fontes de época, tais como textos e imagens, fontes voltadas para o campo da arquitetura, assim como produções contemporâneas sobre o período medieval, como filmes, documentários, games e romances históricos. Deve-se destacar que estes quatro últimos objetos são os que mais se destacam, principalmente porque será através deles que uma parte dos futuros alunos dos futuros professores em formação atualmente entrarão em contato com temáticas relacionadas ao Medievo, ou seja, uma representação contemporânea do período, temas trabalhados por Ruiz-Domènec (2011, p. 249-256 e p. 275-290) e por Jiménez Alcázar (2016, p. 75-118).

A História Medieval na BNCC

Depois de ter passado por um processo de longa elaboração, a versão final da BNCC foi publicada no final de 2017 a qual está disponível online. Devido à abordagem voltada para os aspectos temporais da disciplina História Medieval II, centrar-nos-emos somente nos temas voltados para os aspectos entre os séculos XI e XVI. Localizado no sexto ano, o conteúdo voltado para o período medieval na BNCC está contemplado por três abordagens: 1) identificação de eventos organizados cronologicamente e situados em um espaço geográfico; 2) o trabalho com diferentes tipologias documentais, com ênfase na produção e circulação dos mesmos; 3) abordagens sobre diferentes versões de um mesmo fenômeno histórico com o intuito de se elaborar opiniões particulares sobre o mesmo (BNCC, 2018, p. 416).

Observando o conteúdo do documento e concentrando-nos nos objetos do conhecimento, encontramos as seguintes informações. Objetos de conhecimento: 1) A passagem do mundo antigo para o mundo medieval; 2) A fragmentação do poder político na Idade Média; 3) O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio; 4) Senhores e servos no mundo antigo e medieval; 5) Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços: Roma Antiga, Europa Medieval, África; 6) Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval; 7) O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média; 8) O papel da mulher na Grécia em Roma, e no período medieval. No que diz respeito ao conteúdo da disciplina História Medieval II, somente não trabalhamos na mesma o item 1, principalmente por se tratar de um conteúdo voltado para o início do período medieval, localizado, portanto, na disciplina História Medieval I.

Uma primeira observação a ser feita é com relação às possibilidades de trabalho com os temas acima em sala de aula: política, território, relações sociais, religião, cultura e gênero, temas que são diversos, cruciais e necessários, porém, que não são suficientes para se aproximar e compreender o período de uma forma mais ampla. Neste sentido, faremos comentários sobre as possibilidades de cada item e suas potencialidades no trabalho em sala de aula, aspectos que também trabalhamos durante as aulas com a formação de professores, especificamente no caso da disciplina História Medieval II. Assim, destacando cada item apresentado acima, temos: **item 2)** a fragmentação do poder político no contexto dos séculos XI e XII apresenta uma realidade muito distinta da atual em termos de organização territorial, o que serve para trabalhar com o aluno lógicas distintas de organização do espaço, como, por exemplo, a coincidência entre o espaço senhorial e o espaço feudal a partir das reflexões de Bloch (2001, p. 139-176); **item 3)** sobre este item, poder-se-ia abordar os momentos nos quais ocorreu uma interação dinâmica entre os contextos territoriais destacados, como, por exemplo, os contatos que foram proporcionados com as Cruzadas no Oriente e a Reconquista na Península Ibérica a partir dos estudos de Flori (2013); **item 4)** neste item, podem ser trabalhados os aspectos interativos entre a perspectiva feudal e senhorial, a qual, em termos de relações sociais, coincidem-se em alguns momentos (um homem que na perspectiva senhorial é um senhor e que na perspectiva feudal é um vassalo), principalmente para esclarecer a complexidade social existente no período, seguindo os estudos de Barthélemy (2002, p. 465-476); **item 5)** neste item, seria interessante trabalhar que a situação social da escravidão, existente na Antiguidade, continuou até o século XI como condição social no período medieval, *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 28, jan. - jun.2021. ISSN: 1982 -193X*

observando os estudos de Baschet (2006, p. 56), o que auxiliaria o aluno a compreender a diversidade social existente no período; **item 6**) a cultura comercial também é uma forma de apresentar o mundo diverso com o qual o aluno está tendo contato através deste período, e seria interessante problematizar as variáveis do crescimento econômico e suas especificidades no contexto da Idade Média Central e da Baixa Idade Média, a partir das propostas apresentadas por Hodgett (1975, p. 106-125); **item 7**) os aspectos religiosos poderiam ser abordados levando em consideração não somente as principais mudanças ocorridas no processo de religiosidade no século XIII, com as ordens mendicantes, como apresenta Vauchez (1995, p. 125-159), mas também as manifestações heréticas, as quais foram intensas neste período, como apresenta Zerner (2002, p. 503-521); neste mesmo item podem ser destacados aspectos culturais, como, por exemplo, a cultura historiográfica e as formas de escrita da História no Medieval, a partir dos trabalhos de Aurell (2013, p. 95-133); **item 8**) sobre este item, o qual apresenta uma demanda social atual, poder-se-ia abordar os diferentes espaços de atuação feminina entre os séculos XI e XV, com destaque para o cenário intelectual, no qual muitas mulheres se destacaram, como apresenta Optiz (1993, p. 353-435), o que serviria para desmistificar e desconstruir a ideia de um Medieval exclusivamente masculino.

Ademais, devemos destacar que o conteúdo que trabalhamos em sala de aula na disciplina História Medieval II no âmbito da formação de professores é mais amplo em comparação com o que encontramos referente à BNCC, o que, de certa forma, faz com que os futuros professores de História tenham uma formação mais ampla em termos de conteúdo com o qual irá se deparar em sala de aula na Educação Básica. Além disso, a utilização e problematização dos conteúdos de livros didáticos durante as aulas de formação de professores e a utilização de fontes primárias medievais para destacar as diferentes tipologias existentes no período, como, por exemplo, a potencialidade das imagens medievais, como destacado por Macedo (2016, p. 117-118), faz com que os futuros professores possam realizar sua práxis de sala de aula fundamentada em um exercício constante de ensino e pesquisa, aspecto ressaltado por Guimarães (2018, p. 205-234), tornando-se, assim, um profissional reflexivo, como salienta Fagundes (2016, p. 281-298).

A interdisciplinaridade na disciplina História Medieval e as propostas interdisciplinares em sala de aula

O aspecto tecnicista da civilização ocidental fez com que ocorresse uma especialização em termos de disciplinas, o que ocasionou a fragmentação do conhecimento e, conseqüentemente, da formação profissional. Japiassú denomina este acontecimento como “patologia do saber”, o qual, nos anos 70 do século passado, servia para apresentar a situação intelectual do mundo ocidental e também no Brasil (JAPIASSÚ, 1976, p. 10-16). Uma das conseqüências deste acontecimento foi o cada vez maior aumento das especializações em termos de formação profissional. Tal aspecto favoreceu a formação profissional em termos de desconsideração do diálogo com outras áreas do conhecimento, sendo, portanto, um movimento que não favorecia a construção do conhecimento de forma múltipla, dinâmica e interdisciplinar. Neste sentido, e voltando o olhar para uma reflexão sobre a prática docente, Fazenda ressalta que a interdisciplinaridade é “um processo que precisa ser vivido e exercido” (FAZENDA, 2012, p. 11).

Visualizando esta questão, Japiassú propôs a realização de uma prática interdisciplinar em termos de formação profissional e de pesquisa, o que ampliaria o contato entre as disciplinas:

Deveríamos, antes, falar de objeto da interdisciplinaridade. Esta procede, em primeiro lugar, de uma crítica ‘universitária’ do saber. Trata-se de explorar as fronteiras das disciplinas e as zonas intermediárias entre elas. Em seguida, procede do desejo de uma nova adequação das atividades universitárias às necessidades sócio-profissionais ou econômicas. Portanto, de um lado, a interdisciplinaridade aparece como o instrumento e a expressão de uma crítica interna do saber, como um meio de superar o isolacionismo das disciplinas, como uma maneira de abandonar a pseudo-ideologia da independência de cada disciplina relativamente aos outros domínios da atividade humana e aos diversos setores do próprio saber; do outro, como uma modalidade inovadora de adequar as atividades de ensino e de pesquisa às necessidades sócio-profissionais, bem como de superar o fosso que ainda separa a universidade da sociedade (JAPIASSÚ, 1976, p. 57).

Assim, uma formação profissional em termos de abordagem interdisciplinar facilitaria, segundo Japiassú, a superação do fosso que, até os dias de hoje, separa a universidade e a sociedade, principalmente em um momento em que a legitimidade acadêmica e científica é atacada e questionada a todo momento, como apontam Schütz, Fuchs e Da Costa (2020, p. 1-19), o que torna a reflexão sobre a abordagem interdisciplinar um assunto de sobrevivência profissional.

Neste sentido, Morin destaca que quando se considera “a supremacia do conhecimento de acordo com as disciplinas” não há a possibilidade de se estabelecer um vínculo entre as diferentes áreas do conhecimento, e esta postura deve ser substituída por uma postura através da qual se possa apreender os objetos “em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto” (MORIN, 2000, p. 14). É uma das possibilidades de mudança desta postura é o desenvolvimento da formação de professores no contexto universitário e o seu contato cada vez mais estreito com o âmbito escolar.

Em termos de ensino, o aspecto interdisciplinar facilita a integração de disciplinas curriculares entre si, buscando uma melhor compreensão da realidade. De acordo com Heloisa Lück, a interdisciplinaridade é um processo que solicita a dedicação dos educadores em um trabalho conjunto visando a transpor a educação a partir da fragmentação do ensino formando alunos críticos por meio de uma visão global de mundo (1995, p. 64) e que, sobretudo, deve desenvolver-se a partir da iniciativa docente em uma reflexão sobre a própria disciplina. Neste mesmo sentido, Fazenda destaca que:

a atitude interdisciplinar não seria apenas resultado de uma simples síntese, mas de sínteses imaginativas audazes; interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação; a interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar; entre as disciplinas e a interdisciplinaridade existe uma diferença de categoria; interdisciplinaridade é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem trançado e flexível; a interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas (FAZENDA, 2012, p. 28-29).

Em termos historiográficos, os quais influenciaram o desenvolvimento do fazer História no Brasil nos anos 70 e 80 do século passado, é notória a influência da chamada terceira geração da Escola dos Annales no desenvolvimento do aspecto interdisciplinar nos estudos medievais, cujo alguns integrantes propuseram a ideia de *Nova História*, a qual, em sua proposta de trabalho com uma ampla tipologia documental, já surgiu com uma proposta completamente interdisciplinar, como destacam Bourdieu e Martin (2004, p. 181-185). Esta geração caracterizou-se por apresentar uma diversidade de abordagens em termos de objetos de estudo histórico. Tal aspecto ocorreu principalmente devido à aproximação com outras áreas do conhecimento. Por exemplo, de acordo com Le Goff, o movimento da *Nova História* proporcionou a ampliação do campo do documento histórico, estabelecendo novas possibilidades de pesquisa com múltiplas tipologias documentais (1990, p. 28).

A multiplicação dos objetos de estudos e, conseqüentemente, de novas abordagens, fez com que a perspectiva interdisciplinar florescesse nos estudos medievais em solo brasileiro, tanto que atualmente as atuais demandas relacionadas aos estudos medievais no Brasil giram em torno da necessidade de se estabelecer um diálogo entre os campos do saber, como, por exemplo, a Paleografia, a Codicologia, Literatura, Filosofia, Gêneros Literários, entre outros, como apresenta Silva (2013, p. 1-15). Neste sentido, é importante ressaltar que esta perspectiva de multiplicidade de fontes também está presente na BNCC (BNCC, 2018, p. 398).

A indicação de uma diversidade de tipologias documentais na BNCC é um indício de que até mesmo no ensino de História, nos dias atuais, deve-se assumir uma postura interdisciplinar. De acordo com Selva Guimarães e Marcos Silva, o docente e seus alunos, no processo de ensino de História, devem utilizar “livros didáticos, livros não didáticos, filmes de ficção e documentários, histórias em quadrinhos, música erudita e música popular, paisagens e edificações, objetos tridimensionais, diferentes modalidades de imaginário social, computadores, jogos etc.”, pois os temas e problemáticas possíveis de serem estudados e de fontes de época para serem utilizadas são amplos (GUIMARÃES e SILVA, 2017, p. 125-126).

Em nossa prática docente, o viés interdisciplinar é imprescindível para a formação de professores. As propostas aqui apresentadas e executadas por nós em sala de aula, tem como objetivo final favorecer uma melhor e mais preparada formação de professores, de forma que possam pensar e repensar constantemente suas didáticas no ensino. A seguir, destacamos alguns âmbitos nos quais atuamos de forma interdisciplinar em nossa prática cotidiana de sala de aula.

1) A utilização de imagens. Em diversos momentos em nossas aulas problematizamos as imagens que utilizamos e analisamos para ampliar as possibilidades de compreensão do período que trabalhamos. O uso de imagens em nosso contexto profissional é uma constante e serve, em termos de formação de professores, para diversos âmbitos: a) a desconstrução de ideias errôneas sobre o período medieval; b) a potencialidade de trabalho com as fontes visuais em sala de aula; c) a aproximação mais apurada, em termos materiais, com o contexto estudado; d) a aproximação mais adequada à realidade de grupos sociais com poucos registros escritos, como, por exemplo, as mulheres e o campesinato, os quais apresentam poucos

registros escritos elaborados por si próprios; e) apresentação das lógicas de organização territorial quando trabalhamos imagens de cidades medievais, principalmente em um contexto comparativo com a lógica organizacional territorial atual; f) a diversidade profissional no contexto medieval, principalmente no contexto citadino no século XII, quando esta diversidade aflora no cenário urbano; g) as elaborações das representações mentais, principalmente as relacionadas entre o mundo terreno e o mundo divino, entre outras possibilidades.

2) A exploração das possibilidades dos aspectos arquitetônicos. Com os aspectos arquitetônicos, há uma interação interdisciplinar considerável. Por exemplo, inicialmente, para explicar o significado da palavra catedral recorreremos aos aspectos filológicos resgatando o significado original do termo latino *cathedra*, como trabalhado por Erlande-Brandenburg (2002, p. 173-184). Além disso, para explicar as forças de sustentação para o nascimento do gótico, comentamos sobre aspectos demográficos (aumento populacional), questões geográficas com expansão rural (aumento do cultivo dos campos) e mudanças na psicologia coletiva com modificações comportamentais (aumento das esmolas, doações e testamentos). Por fim, o espaço arquitetônico interno do gótico também serve para explicar a divisão social entre clérigos e leigos, com aqueles sendo o grupo social especializado voltado para os cuidados espirituais no Ocidente medieval, demonstrando, assim, as possibilidades de interação interdisciplinar entre arquitetura e manifestações sociais, principalmente com base nos estudos de Lefebvre: “cualquier espacio social puede devenir objeto de un análisis formal, de un análisis estructural y, por último, de un análisis funcional” (LEFEBVRE, 2013, p. 198).

3) O uso e a problematização de fontes cinematográficas. Muito mais que uma simples ferramenta para ilustrar os conhecimentos trabalhados em sala de aula, o cinema tem sido um dos mais destacados caminhos para se trabalhar com a história medieval atualmente na formação de professores, desde que, seguramente, o mesmo seja problematizado e trabalhado de forma adequada nesta formação, tornando-se um “poderoso instrumento de apoio ao professor em sala de aula” (CRUZ, LEITE, LÖHR, 2014, p. 26). No caso da disciplina em questão, História Medieval II, utilizamos e problematizamos o filme *São Francisco de Assis*, já citado aqui anteriormente. Em nossa práxis, trabalhamos alguns aspectos do filme em sala de aula que auxilia na formação de professores para a Educação Básica. Em primeiro lugar, uma das potencialidades deste filme é apresentar a diversidade social existente no contexto do início do século XIII, no qual encontramos comerciantes, cavaleiros, pobres, burgueses,

religiosos, mulheres, nobres e papado, fugindo, assim, da ideia errônea de que havia uma divisão tripartite da sociedade durante todo o período medieval. Tal perspectiva ajuda a compreender o Medievo como um período de extrema dinamicidade social, deixando de lado a ideia tradicional da estagnação, falta de circulação e inexistência de movimentação social do período. Além disso, a dinamicidade da fonte cinematográfica favorece a abordagem concomitante de espaços sociais muito comuns no Medievo e que são representados na obra, como as tavernas, o comércio, a igreja e, principalmente, a relação entre a cidade e o campo. Os contatos culturais com outras religiões também são abordados no filme, neste caso, com a religião islâmica. Ademais, os comportamentos sociais e as formas de pensar, que denota em construção de identidades, são bem visíveis na obra, como a burguesa, a comercial e a cavaleiresca. Por fim, o contexto cruzadístico e o surgimento das ordens mendicantes também se fazem presentes no filme, o que possibilita a criação de um pano de fundo referente ao contexto quando se analisa o filme.

De todas as formas, a abordagem interdisciplinar em sala de aula no contexto da formação de professores faz com que os futuros docentes tenham novas possibilidades de criação didática no momento do ensino na Educação Básica, favorecendo não somente uma fuga de um ensino tradicional em relação ao Medievo, mas também proporcionando aos mesmos novas e adequadas formas de se abordar o período para se aproximar ao mesmo com uma compreensão histórica mais adequada.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões sobre a nossa prática docente na formação de professores de História através da disciplina História Medieval II em um contexto universitário, abordando aspectos temáticos, documentais institucionais, didáticos e de formação de professores. Para isso, apresentamos o desenvolvimento da disciplina no país em termos de ensino e pesquisa, as características do processo de ensino de História e algumas reflexões sobre a formação de futuros professores de História, a partir de nossa prática e experiência docente, onde eles são preparados não apenas para ministrar aulas no Ensino Básico, mas também para formar futuros cidadãos.

A prática docente em sala de aula deve ser pensada, repensada, discutida e problematizada a todo momento, de forma a sempre proporcionar, no âmbito da formação de professores, o desenvolvimento profissional voltado para a formação de cidadãos e cidadãs conscientes e capazes de dominar as informações a partir de um viés plural e holístico, fato proporcionado pelas abordagens interdisciplinares, as quais, estão na ordem do dia em termos de formação docente. Neste sentido, a partir da apresentação e problematização da nossa experiência em sala de aula na formação docente, tivemos a oportunidade de textualizar nossas fundamentações teóricas e nossas práticas pedagógicas, refletindo sobre as mesmas em um saber-fazer. Além disso, devemos destacar que tais práticas devem ser realizadas no sentido de estreitar os laços entre o contexto universitário e o contexto escolar, diminuindo a distância existente entre eles, de forma a proporcionar ao aluno ou a aluna em formação um contato mais próximo com a sua futura realidade de trabalho.

Ao abordarmos brevemente a trajetória da disciplina História Medieval no país e sua gradativa institucionalização nos currículos universitários brasileiros, observamos que hoje ela se encontra presente na maioria dos currículos das universidades do país, e também é um conteúdo presente em termos de Educação Básica. E este vínculo, entre o contexto universitário e o âmbito escolar, deve ser pensado, repensado e problematizado em termos de formação de professores.

Em seguida, apresentamos o conteúdo da disciplina História Medieval II, problematizando-o e relacionando-o com a nossa prática docente na formação de professores. Neste sentido, destacamos aspectos conteudistas, conceituais, temáticos, historiográficos e históricos na disciplina, os quais favorecem uma formação holística aos futuros professores na construção do seu currículo. Destacamos aqui a diversidade temática no conteúdo da disciplina, a abordagens de temas de relevância social na atualidade, como a História das Mulheres, as propostas interdisciplinares apresentadas e também a utilização de fontes de época, sejam elas visuais ou textuais.

Também apresentamos, discutimos e problematizamos o conteúdo de História Medieval presente na BNCC, delineando a parte que é abordada na disciplina História Medieval II, ou seja, entre os séculos XI e XVI. A partir desta análise, observamos, por exemplo, que o conteúdo abordado na disciplina está além do que é apresentado na BNCC, o que favorece aos professores em formação um melhor domínio do conteúdo, tendo contato com os conteúdos

referentes ao período medieval de uma forma mais ampla. Isso favorece aos professores em formação a não limitação, durante a sua práxis na Educação Básica, única e exclusivamente ao conteúdo do livro didático, o qual, até os dias atuais, embora seja uma das principais ferramentas do professor em sala de aula, é criticado em muitos aspectos, principalmente em relação ao conteúdo de História Medieval. Ademais, esta amplitude de temas favorece que os futuros professores, no contexto da Educação Básica, possam trabalhar os temas com os alunos a partir de novas abordagens didáticas, utilizando a sua principal ferramenta profissional, ou seja, a sua formação.

Os aspectos interdisciplinares também foram abordados como parte de nossa prática em sala de aula. Estes se referem não somente a uma tentativa de fuga de um ensino de História Medieval em um modo tradicional, mas também, e principalmente, para trabalhar nos professores em formação a sensibilidade para as possibilidades de se abordar aspectos relevantes e atuais para sua futura atuação na sala de aula da Educação Básica. Assim, observamos as potencialidades dos objetos visuais, das fontes arquitetônicas, particularmente o gótico, e com os objetos cinematográficos.

Neste sentido, devemos ressaltar a importância de, na práxis docente de formação de professores, considerar a relação entre a própria práxis, o conteúdo da BNCC e o conteúdo curricular do curso de formação de professores, para, a partir desta complexidade, favorecer aos futuros docentes uma formação de qualidade, ampla em termos de debates e críticas em termos de conteúdo, para que os mesmos possam estar preparados para atuar na Educação Básica visando, sobretudo, a formação de futuros cidadãos. Além disso, ressaltamos também a importância da abordagem interdisciplinar, através do trabalho com fontes visuais, arquitetônicas e cinematográficas, característica que se reflete não somente na BNCC e no conteúdo curricular do curso de formação de professores, mas também na práxis de sala de aula, demonstrando, dessa forma, as diversas possibilidades de abordagem sobre a História Medieval em sala de aula na formação de professores.

Referências

- AURELL, Jaume. La historiografía medieval: siglos IX-XV. *In: Comprender el pasado. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico* (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 95-133.
- BARTHÉLEMY, Dominique. Senhorio. *In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude* (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 465-476.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. Do ano mil à colonização da América. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **Las escuelas históricas**. Madrid: Akal, 2004.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.
- CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo; SOBREIRA, Victor. O Laboratório de Estudos Medievais: balanço e perspectivas. *In: AMARAL, Clinio; LISBÔA, João. A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017*. Curitiba: Editora Appris, 2019, p. 251-279.
- COSTA, Jéssica Pereira da. **O estudo de História do Islã e dos muçulmanos na educação básica: conceitos e representações**. Dissertação de Mestrado, UCS: 2016, 107 p. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1794>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- CRUZ, E. P. da.; LEITE, C. R.; LÖHR, S. S. O cinema em sala de aula: uma ferramenta pedagógica a serviço do professor. **Imagens da Educação**, v. 1, n. 2, p. 23-30, 2014.
- CRUZ, Giseli Barreto da; HOBOLD, Márcia. Prática formativas de professores de cursos de licenciatura: diferentes estratégias para ensinar. *In: ANDRÉ, Marli* (Org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas: Papirus, 2018, p. 237-262.
- Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. Johnni Langer (Org.). São Paulo: Hedra, 2018.
- ERLANDE-BRANDENBURG, Alain. Catedral. *In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude* (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 173-184.
- FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 65, p. 281-298, 2016.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 2012.

FERNÁNDES, Raúl Cesar Gouveia. Reflexões sobre o Estudo da Idade Média. LAUAND, Luiz Jean (coord.). **Revista VIDETUR**, v. 6, São Paulo, 1999, p. 7-14.

FIGUEIREDO NOGUEIRA, Carlos Roberto. Os estudos medievais no Brasil de hoje. **Medievalismo**, n. 12, p. 291-297, 2002.

FLORI, Jean. **Guerra Santa**. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão. Unicamp: Editora da Unicamp, 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**. Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário; MONGELLI, Lenia Márcia de Medeiros; VIEIRA, Yara Frateschi. Estudos Medievais no Brasil. **Revista de poética medieval**, n. 21, p. 177-219, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Somos todos da Idade Média. Reflexões de História**. Disponível em: <https://reflexoesdehistoria.wordpress.com/2011/01/31/somos-todos-da-idade-media-por-hilario-franco-junior/> . Acesso em: 24 mar. 2021.

GUIMARÃES, Selva. A pesquisa e a produção de conhecimentos em sala de aula. In: GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas: Papyrus, 2018, p. 205-234.

HODGETT, Gerald A. J. **História social e econômica da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

JIMÉNEZ ALCÁZAR, Juan Francisco. **De la edad de los imperios a la guerra total: Medioevo y Videojuegos**. Murcia: Compobell, 2016.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEÃO, A. V. Os estudos medievais na atualidade brasileira: região sudeste. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. (Org.). Encontro Internacional de Estudos Medievais, 3, 1999, Rio de Janeiro. **Atas do III Encontro de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001, p. 138-145.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitan Swing Libros, 2013.

LEME, Elaine Cristina Senko. **História e historiografia medieval oriental**. Curitiba: Intersaberes 2019.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. Uma história do porvir: a medievalística brasileira em terras amazônicas. *In: AMARAL, Clinio; LISBÔA, João. A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017.* Curitiba: Editora Appris, 2019, p. 61-90.

LOPES, Nei e MACEDO, José Rivair. **Dicionário de História da África.** Séculos VII a XVI. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar:** fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1995.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. *In: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.* Leandro Karnal (Org.). São Paulo: Contexto, 2016, p. 109-125.

MIATELLO, André Luis Pereira. A História Medieval na graduação em História: da pesquisa à docência. **Revista Chilena de Estudios Medievales**, n. 11, p. 68-90, enero-junio 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

OPTIZ, Cláudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). *In: KLAPISCHZUBER, Christiane. História das Mulheres. A Idade Média.* Porto: Edições Afrontamento, 1993, p. 353-435.

PEDRERO-SÁNCHEZ, M. G. Los estudios medievales en Brasil. **Medievalismo**, n. 4, p. 223-228, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor-pesquisador: mitos e possibilidades. **Contrapontos**, v. 5, n. 1, p. 09-22, jan/abr 2005.

Quando os mouros dominaram a Europa. (título original: When the Moors Ruled in Europe). Direção: Timothy Copestake. Reino Unido. 2005. 102 min.

RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. **Entre historias de la Edad Media.** Granada: Editorial Universidad de Granada, 2011.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. Formação do professor e pedagogia crítica. *In: FAZENDA, Ivani C. Arantes. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.* Campinas: Papirus, 2012, p. 17-28.

São Francisco de Assis (título original: Francis of Assisi). Direção: Michael Curtiz. Local: Estados Unidos. Play Entertainment, 1961. 105 min.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; FUCHS, Cláudia; DA COSTA, Carlos Odilon. Universidade, pesquisa e docência: reflexões críticas sobre os abusos do atual governo. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, n. 32, v. 13, p. 1-19, 2020.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis**, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2013.

SILVA, Marcos e GUIMARÃES, Selva. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas: Papirus, 2017.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ZERNER, Monique. Heresia. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 503-521.

Recebido em 30- 05- 2021

Aprovado em 30- 06 - 2021

Publicado em 21-07- 2021